

Sexualidade e maternidade: “nós” e “laços” de um fenômeno cultural 2

Gilka Borges Correia*

RESUMO

Neste trabalho realizamos uma revisão de literatura sobre a questão do *ser mulher* e a evolução da condição feminina, articulando *Sexualidade* e *Maternidade* como fenômeno cultural. Numa visão histórica, consideramos a construção da identidade da menina-mulher e a estruturação do papel sócio-sexual no imaginário social.

Buscamos um fio condutor permeando a Filosofia, a História, a Antropologia Social, a Psicanálise, a Literatura e a Arte, na tentativa de balizar as questões da feminilidade. Ressaltamos a condição da mulher fluando enredada na ideologia dominante do contexto histórico e sócio-econômico. Este mandato ideológico manteve-se quase inalterado, até meados do século XX, quando os movimentos feministas passaram a reivindicar junto ao Estado, a igualdade de direitos e de oportunidades sociais. A mulher ingressou no mercado de trabalho, tornou-se mais segu-

* Psicóloga Clínica, especialista em Educação e Sexualidade Humana.
Recebido em 25.08.95 Aprovado em 04.09.95

ra e conquistou a independência financeira. OS métodos contraceptivos eficazes produziram a *dicotomia* entre *sexo-reprodutor* e *sexo-prazer*, liberando seu comportamento afetivo-sexual. A mulher hoje pode optar por casar or não casar, ter ou não ter filhos.

A *sexualidade* passou a ser objeto na relação de troca da sociedade consumista. Alguns tabus inverteram-se e o *reprimido* busca o caminho da *liberação*. *Erotismo* passou a ser critério de *modernidade*. A mulher valoriza a sua sensualidade, deseja maiores experiências, avalia-se e exige melhor desempenho e performance do homem.

Concluimos que aquela crisálida *mulher parideira metamorfoseou-se em loba*, e está confrontando e assustando o homem no seu tradicional papel de macho. Entretanto, seu discurso ainda não se faz claro, e a mulher encontra-se, em sua grande maioria, sem referências, dividida a perdida entre posições repressivas e liberalizantes. Um balanço crítico para *refletir a re-Ver* essa *re-definição* continua em pauta na questão:

O que deseja uma mulher?

O significante como tal não se refêre a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como laço.

Ainda temos que precisar nesta ocasião o que quer dizer esse laço. O laço - não podemos fazer outra coisa senão passar imediatamente a isto - é um laço entre aqueles que falam.

Jacques Lacan - Seminário XX

Sobre o tornar-se menina

*Mamãe, escuta uma coisa
Que eu quero ti perguntá
Quando eu for grande, mamãe,
Eu tenho que me casa?*

.....

*A titia diz, que sim ...
A madrinha diz que não...
Eu quero muito sabê,
Si é sim ou si é não
Si é sim, então eu cresço...
Si é não, prá quê crescê.”*

No jogo do faz-de-conta, na brecha entre fantasia e realidade, casar e ser mãe é o treino da brincadeira com as bonecas, critério e condição da identidade da menina-mulher. Na fantasia infantil, esta menina coloca nos versos, a questão do Ser Feminino e o destino do Ser Mulher. No bojo deste questionamento está a *Sexualidade*, a construção da *Identidade* e o exercício do papel sócio-sexual de gênero.

No texto *Associação de idéias de uma criança de quatro anos*, Freud (1920) relata uma carta recebida de uma mãe norte-americana comentando muito surpresa, as associações de idéias e os simbolismos utilizados sobre os fatos da vida sexual, por sua filha, que ainda não completara quatro anos. Diz a mãe que ao saber que uma prima ia se casar a criança comenta: “*Se Emília casar, terá um bebê*”. mãe surpresa perguntou: “*Mas onde você aprendeu isso?*” e ela comenta: “*Quando alguém casa, aparece sempre um bebê*”. Tornou a perguntar a mãe: “*Como pode você saber disto?*” E a menina retrucou: “*Ora, sei muita coisa mais, sei também que as árvores cresce na terra*”. E continua ainda: “*Sei que o bom Deus criou o mundo*”. (1)

Está posta a questão.

Na visão psicanalítica, nessas constatações da investigação infantil *a percepção está para o “eu” assim como a pulsão está para o “isso”*.

Parece que a mãe compreendeu a transição da primeira afirmativa para a segunda. A criança expressa seu conhecimento, dizendo: *sei que os bebês crescem dentro da barriga da mãe* e exprime de maneira direta, mas simbólicas, substituindo a *mãe pela terra-mãe*. Vemos que muito cedo as crianças sabem utilizar símbolos. A terceira afirmação mantém um nexo com o que dissera antes. Só podemos admitir que a criança queria comunicar mais uma parte do seu conhecimento sobre a origem dos bebês. Mas desta vez, substituiu o pensamento direto pela correspondente *sublimação*, ao dizer que o *bom Deus criou o mundo*. Introduz a questão da participação do pai na criação.

Só com o término da organização genital infantil, próximo da puberdade, através de vários estágios, parece coincidir a polaridade sexual com o masculino e o feminino. O masculino abrange o sujeito, a atividade e a posse do pênis. O feminino integra o objeto e a passividade. A vagina já é então considerada o abrigo do pênis, e torna-se herdeira das entranhas materna. (2)

Em carta aberta, *Freud* responde a questões colocadas pelo *Dr. Ffirst*, sobre a necessidade de educação sexual, no texto denominado *Educação Sexual das Crianças*, (1907) e pontua outro texto seu: *Três ensaios sobre uma teoria sexual* (1905). Neste último, expõe a constituição do instinto sexual, a as perturbações de sua evolução psicosssexual na constituição da função sexual do adulto a na etiologia das neuroses.

No campo da sexualidade, a educação veio sempre concretizar o que é ideologicamente determinado. O *Dr. Ffirst* questiona se, em geral deve-se às crianças a explicação dos fatos da vida sexual e em caso afirmativo, que idade se há de escolher para isso, e quais os meios para a sua execução. *Freud* coloca sua opinião sobre essas questões básicas: primeiro, considera procedente a preocupação sobre a educação sexual, e concorda que podem haver juízos divergentes sobre a idade mais adequada e os meios utilizados. Não pode conceber, entretanto, juízo divergente sobre a importância e a necessidade da informação sobre a sexualidade, e faz as seguintes colocações:

Que se espera alcançar negando às crianças - ou se prefere aos adolescentes - explicações sobre a vida sexual humana? Espera-se, talvez, com semelhante ocultamento, agrilhoar o instinto sexual até a época em que seja possível dirigi-lo pelos caminhos que a ordem social considera lícitos?

Supõe-se, acaso, que as crianças não mostrarão interesse algum pelos fatos e enigmas da vida sexual, se não se chamar sua atenção sobre eles?

Crê-se, por acaso, que o conhecimento que se lhes nega, não lhes chegara por outro meio?

Ou é que se visa, realmente e com toda a seriedade, o propósito de que mais tarde julguem todo o sexual como degradante e desprezível, do qual procuram mantê-las, o máximo de tempo possível, seus pais e mestre? (3)

John Money, nos anos 80, comenta que a nossa cultura faz um *elo-gio da inocência*, como se ignorância fosse critério de virtude a pureza. Mas pelo contrário, a curiosidade leva a buscar coisas que seriam tratadas naturalmente se não se tivesse mantido um forte sigilo, e comunicado franca e singelamente. Mesmo porque é impossível manter a criança em ignorância absoluta, pois ela ouve e lê livros que lhe caem nas mãos conversa com outras crianças, assiste programas de televisão com forte apelo sexual e erótico. O que as faz meditar, é justamente a atitude *dissimulada e a dupla mensagem* na conduta dos pais, o que intensifica a ânsia de saber

e excita a fantasia, distorcendo os fatos. O que conseguem os pais com isso? Crianças comprometidas em cumplicidade, saciadas e muito bem informadas (incorretamente, a maioria das vezes), e pais satisfeitos, porém enganados... (4)

Freud, no início do século já ponderava essas situações, e considerava que a conduta dissimulada dos pais, é fruto de uma hipocrisia em relação à sexualidade, ainda presente na atualidade, aliada a um desconhecimento teórico sobre o instinto sexual, hoje não mais aceitável, que considerava a sexualidade ausente na criança, e somente presente na época da maturação dos órgãos sexuais na puberdade. Ignorava-se que o recém-nascido já traz ao mundo o universo da sua sexualidade. OS órgãos da reprodução não são a única parte do corpo que podem gerar sensações sexuais. A natureza dispõe que o estímulo de certas zonas da epiderme, *zona erógenas*, sob a ação de certos instintos biológicos e a excitação concomitante a muitos estados afetivos, geram certa quantidade de prazer, inegavelmente sexual.

Havelock Ellis introduziu a expressão *auto-erotismo* a essa percepção da sexualidade que ocorre na infância. A puberdade se limita a tornar os órgãos sexuais a primazia da sexualidade sobre todas as outras zonas erógenas, e coloca o erotismo a serviço da função reprodutora. A criança, So tem capacidade de procriar, mas está apta para experimentar sensações da vida erótica muito antes da puberdade: ternura, carinho, afagos, carícias, são expressões psíquicas da sexualidade. Levam a criança a excitação sexual, e revelam a íntima relação entre esses fenômenos. O que se consegue com o ocultamento sistemático dos aspectos da sexualidade, é privá-la da capacidade de dominar intelectualmente. o que já possui preparação psíquica e disposição somática. (5)

Mas apesar destes textos remontarem ao início do século, a educação sexual, ainda é um tema polêmico. For omissão, os profissionais da saúde e da educação deixam espaço aberto para a *mídia*, que se incumbem de informar sem nenhum senso crítico, ou na maioria das vezes, o que consegue é *desinformar* e *banalizar a sexualidade*, abordando-a como mais um produto de consumo e um valor de troca da sociedade capitalista. Comprometida apenas com o sensacionalismo e o lucro, a mídia cultiva valores efêmeros: juventude, beleza, perfeição, consumismo, imediatismo incentivo ao descartável. Esses valores não são compatíveis com uma educação consciente e crítica, comprometida com o seu corpo e a *sexualidade*, a *saúde* e a *vida*. Impossibilita o discernimento da criança e do adolescente sobre comportamentos responsáveis e adequados.

A CRISÁLIDA MULHER

O que é ser mulher?

Ser mulher é ser mãe...

Dentro desse contexto sócio-cultural era a resposta mais comum da maioria das mulheres. A identidade apóia-se na maternidade, como seu único papel. Acerca da identidade feminina e a maternidade *Pommier* comenta:

O ser feminino recebeu desde sempre sua definição canônica na maternidade. Ser mãe parece trazer uma solução para as incertezas da identidade, mesmo que tal resposta não deixe de ser acompanhada pela angústia, quando se realiza. (6)

Essa imago impressa no inconsciente da mulher nem sequer era questionado. *Não casar e ter filhos era, e ainda o é, no dizer de Money, a definição do fracasso de uma mulher.* Uma série de esteriótipos de masculinidade e de feminilidade definem no imaginário social, os comportamentos esperados pela sociedade: *mulher pode... mulher não pode ... mulher deve... mulher não deve... (7).*

Muitos ditos populares podem completar essas frases, num exercício espontâneo, lúdico, crítico, sarcástico, mas muito verdadeiro. Esteriótipos de comportamentos de gênero masculino complementam essa relação, e condutas arcaicas convivem caoticamente com condutas liberais.

O que deseja uma mulher?

Até meados do nosso século, casar e ter filhos, era um mandato cultural, e por conseguinte, o maior desejo da mulher. Era um destino com mão única para entrar no rol das mulheres adultas e *sérias*, as *mulheres de família*. O exercício da sexualidade só podia ser concretizado no casamento. Funcionando como “trampolim” ou “concessão”, visava a maternidade e a constituição da família nuclear. Ao marido cabia o direito sexual sobre a esposa, concedido pelo casamento. A sexualidade deveria ser exercida com o objetivo procriativo, visando a mais nobre missão: *a constituição da prole*. Entretanto, a sexualidade masculina recebia tratamento diferente. Essa mesma sociedade era condescendente com o homem, permitindo a alternativa de usar a *mascara social* e buscar *outras mulheres*. Elas eram tratadas como se fossem de natureza ou categoria diferente: eram as *não*

sérias, ou mulheres que não eram de família. São os protótipos da santa a da prostituta. A primeira o homem ama mas não deseja, e a segunda, *deseja mas não ama.* Poucos homens conseguem resolver a sua sexualidade reunindo amor e desejo dedicado à mesma mulher.

Esta atitude ambígua e ambivalente, faz parte da hipocrisia social que sempre ocorreu, quando o casal mantém um casamento de conveniência, apenas na aparência para a sociedade, sob pretextos *não tão nobres*, como a acomodação de um ou de ambos por interesses econômicos. O pretexto manifesto, porém, é o *sacrifício pelos filhos* e a defesa da *sagrada família*. Para muitas pessoas parece existir três sexos: *homem, mulher e esposa.*

A CONDIÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Buscamos traçar uma visão panorâmica da condição feminina na história da humanidade, permeando a Filosofia, a História, a Antropologia, a Psicanálise, a Literatura e a Arte. Buscamos um fio condutor que nos levasse a perceber a condição social da mulher e a questão da identidade feminina e a maternidade, emoldurada pelas filigranas da *Sexualidade* e da *Cultura*.

Claude-Lévis-Strauss, numa interpretação antropológica, aponta indicadores importantes para entender a posição social e a subordinação da mulher ao homem. Afirma:

Distinguem-se dois tipos de domínio: o da natureza e da cultura. Quando um fenômeno é uma regra central universal, parece ser da ordem natural. Entretanto, se existem regras, normas, leis, parece ser algo referente à cultura. Esta regra representa o ponto de conexão entre natureza e cultura. (8)

Toda cultura portanto, *é normativa*, numa requintada mistura de instinto e aprendizagem.

John Money nos diz:

“É praticamente impossível a uma pessoa desenvolver qualquer senso de identidade sem identificar-se como homem ou mulher. “ (9)

A biologia determina a diferença sexual anatômica, e a sociedade define o papel de gênero. Crença, atitudes, tabus, mitos e valores envolvem esses papéis normatizando os padrões de conduta. A educação encarrega-se da legitimação do comportamento que a sociedade espera da menina.

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, afirmou:

A mulher não nasce mulher, torna-se mulher.

E mais:

Pelo ventre se dará a sua libertação.

A MULHER NAS CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS

Historicamente, o papel social feminino vem sofrendo constantes modificações. No mundo ocidental, a sociedade patriarcal atribuiu à mulher uma valorização bem menor que ao homem. Lemos em teóricos da história da sexualidade como *Cohn*, *Tannahill* e *Ussell*, uma caminhada onde, o papel da mulher variou de acordo com a época, o local, a ideologia e os interesses econômicos. Porém um dos papéis mais impregnados de significado cultural parece ser o da maternidade, cogitada em algumas culturas, como o único papel da mulher.

Numa pincelada nas civilizações orientais, principalmente na Índia, vemos que a religião é o centro da cultura. A sexualidade está muito próxima do sagrado. Os deuses são sexuados e formam casais. O relacionamento sexual de *Shiva* e *Vishnu*, é descrito com poesia e grande beleza em livros religiosos. *Vishnu* é o sol, princípio fertilizador, e *Shiva*, a mãe-terra fecunda. A relação sexual do casal de deuses é simbolicamente comparada com a união do brilho e das luzes de dez mil sóis e dez mil luas. A sexualidade reúne o homem e a mulher complementando-os, numa visão integrada da dualidade de princípios cósmicos.

Na sociedade grega, a mulher representava um duplo papel: a esposa, mãe de família, responsável pela educação dos filhos, resguardada dentro de casa como garantia do patrimônio familiar. Em função disso a fidelidade da esposa era importante.

A *haetera* significava a companheira de vida, a parceira sexual e intelectual do homem. Era socialmente respeitada e valorizada. Entre os gregos a intelectualidade, a beleza e o prazer eram valores supremos, e por

isso, a mulher companheira, sem os encargos de família, fazia parte da norma social, e do bem-estar do homem.

No mundo romano a guarda da mulher passava do pai para o marido, requisito do status aristocrático. *Wilhelm Reich* citando *Briffault* descreve o casamento como um *contrato sobre uma “questão de transferência”*. (10) Não era uma instituição sexual mas predominantemente um arranjo social e econômico. Os romanos valorizavam a beleza e o prazer, mas o seu pragmatismo não permitia atingir o requinte da sensibilidade e da intelectual idade grega.

Ambas as culturas relacionavam religião e sexo, e o consideravam uma parte natural da vida. Embora submissas, as mulheres gozavam de relativa liberdade.

Na cultura hebraica, as leis que governavam o comportamento sexual eram consideradas providas de Deus. A autoridade paterna era absoluta, com poder de vida e de morte sobre os filhos. A mulher judia tinha pouca liberdade, e a virgindade era uma vantagem social e econômica importante na negociação do casamento. A fidelidade era uma exigência para garantir a legitimidade da herança. A decisão sobre o casamento das filhas era uma atribuição do pai, cujo critério era concretizar a melhor negociação possível. O exercício do sexo era orientado exclusivamente para a procriação, e as funções sexuais para esse propósito eram uma obediência religiosa.

O “*Crescei e Multiplicai-vos*” expressava um determinismo histórico e político de um povo em busca de espaço para a sua consolidação. A família era necessária como a garantia da propagação da espécie. O código de moralidade judaico-cristão tornou-se cada vez mais detalhado e extensivo, levando a um ascetismo rigoroso, sob o manto da “*Lei do Senhor*”. A mulher era considerada a causa da tentação e do pecado do homem. (11)

O livro maior do Cristianismo, a *Bíblia*, principalmente no Antigo Testamento, traz inúmeras citações sobre a sensualidade da mulher como origem do pecado e a exaltação da virtude da pureza:

“*Da mulher nasceu o principio do pecado, e por ela é que todos morremos* “.

(Eclesiástico, Cap. 25, V. 33)

“*A mulher santa e cheia de pudor é uma graça sobre outra graça*”.

(Eclesiástico, Cap. 26, V. 19)

“*A mulher formosa e insensata é como um anel de ouro no foçinho de uma porca*”.

(Provérbio, Cap. 11, V. 22)

A moralidade judaico-cristã reprimiu a sexualidade, associando-a ao proibido e ao pecado. Valorizava apenas o sexo-reprodução dentro do matrimônio. O prazer sexual era o alvo da maior carga de repressão, a tal ponto, que as mulheres sérias não deveriam sentir prazer no sexo. Não era de bom tom demonstrar interesse ou falar sobre esses assuntos. As mulheres casadas deveriam aceitá-lo como um dever conjugal a ser cumprido, recompensado com a santidade da maternidade. A mulher símbolo do Cristianismo é *Maria, Virgem-Mãe*.

No período da estruturação do Catolicismo, durante a Idade Média, a religião exerceu um grande controle, criando no imaginário social um *Deus Pai punitivo e coercitivo, que protege em troca de submissão*.

Toda civilização ocidental recebeu a influência dessa moralidade, e sofremos as conseqüências repressivas até hoje.

O renascimento, principalmente através da Arte, trouxe certa modificação no conceito do Ser Mulher. Uma nova representação da figura feminina é vista nas pinturas clássicas das Madonas. Cenas do cotidiano apresentadas com nudez e sensualidade começaram a substituir as representações da Virgem-Mãe, sugerindo um questionamento sobre o papel da mulher decente e a mulher sensual. O Cristianismo criou dois modelos radicais, inspiradores da representação feminina: *Maria, Mãe de Deus, símbolo da pureza, e Eva, a causa do pecado da humanidade*.

Na época vitoriana, no auge do movimento moralizante do século XIX, o ideal da mulher digna, é descrito e exaltado em prosa e verso na literatura iluminista, como um ser puro, lírico e etéreo. *Feminilidade significava franqueza e lágrimas, sofrimento e conformação*. A era vitoriana determinou um estilo de vida, com uma definição dos comportamentos admissíveis e aceitáveis. *O homem era naturalmente dotado de inteligência e a mulher de amor materno*. Da moralidade vitoriana advém a maioria dos comportamentos masculinos e femininos ainda hoje considerados como normas e padrões desejáveis pela sociedade, e todos os tabus sobre a sexualidade. *A divisão de papéis originada da diferença biológica* foi mantida por *razões ideológico-políticas*, e a mulher coroada *A Rainha do Lar*.

Esta situação só começou a se modificar, quando os homens foram ao campo de batalha durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, e houve a necessidade do ingresso feminino na força de trabalho. *A Rainha do Lar* deixou seu séquito e seus súditos, e atendeu a convocação do Estado, ingressando nas fábricas. Paralelamente o Estado liberou verbas e incentivou a criação de *creches*, como instituição social necessária para essa mulher disfuncional. Historicamente, pela primeira vez a mulher atribuía os cuidados dos filhos a uma instituição social.

Manipulada pela ideologia dominante, ao término das guerras o homem voltou ao mercado de trabalho, as creches não receberam incentivos e recursos, e foram fechadas. A mulher retornar ao lar para reproduzir e repovoar o país. (11)

Andrade e Silva comenta que a Segunda Guerra Mundial exigiu a participação da mulher nos meios de produção, favorecendo o início da independência econômica. Daí decorreu a pressão pela igualdade de direitos entre os dois sexos. Em 1920 a maioria dos países ocidentais reconhecia os direitos da mulher como cidadã igual e livre. Entretanto, barreiras econômicas, religiosas e éticas continuavam existindo, e o crescimento desta igualdade, ainda hoje é difícil de ser conseguida. (12)

No campo das religiões, a moral que regula o comportamento da mulher, se reduz e se resume pela Fé que cada uma professa. Ela não é levada a interpretar a dimensão política, econômica e social da mensagem religiosa. Assim sendo, a crítica social é desnecessária.

Santificada no papel de reprodutora e Rainha do Lar, a mulher é exaltada e submetida.

Nessa caminhada a mulher vem seguindo em busca de *redefinição* de identidade e papel. Os movimentos sociais atrelam as reivindicações feministas, como o surgimento dos métodos contraceptivos eficazes, produzindo a revolução sexual dos anos cinquenta.

O slogan do movimento feminista - *Para cada filho, um filho desejado* - foi mais um sonho que não se concretizou. Promoveu a dicotomia entre sexo-reprodução e sexo-prazer, na sua função ideológica. Conseguiu colocar em pauta a questão da mulher poder decidir *quando e quantos filhos ter*.

DE PARIDEIRA A LOBA

Na tentativa de redefinir seu papel de gênero, a *mulher-parideira* passou a assumir a maternidade como *opção e não um dever*. Hoje pode decidir casar, não casar. ter ou não ter filhos, planejar o número de filhos, e isso não será considerado antinatural. Embora o modelo ideal esteja presente, a mulher saiu do sagrado recinto do lar, estuda, trabalha, e em algum momento e lugar encontra seu par e surge uma relação de casal. Ter filhos? Aguardar o momento mais oportuno? Essas coisas podem ser pensadas e já não há a obrigação do primeiro filho e a expectativa de toda a família.

No âmbito do comportamento sexual, porém, no dizer de *Chalar Silva*, vivemos uma época de *hiper-Sexualização*, posta para consumo rápido a descartável, do tipo *prêt-à-porter ou ready-to-go*. O *marketing industrial* descobriu o *sexo* como a grande solução para incentivar o consumo de tudo. Estimula-se o sonho e a fantasia, a emoção e a aventura, de tal forma que torna-se um alvo inatingível. Entretanto, a *sexualidade humana* não é uma dimensão *isolada* na vida de cada um. É uma somatória integrada do *orgânico*, do *psíquico*, que só se realiza no *plano social*. Numa realidade dinâmica é pluridimensional e multifacetada.

Embora a grande maioria de mulheres busque uma vida sexual ativa e saudável, como efeito liberalizante da nossa época, não se dão conta da armadilha ideológica que transformou o *proibido* em *obrigação*. Não é apenas necessário *fazer sexo*, é preciso *fazê-lo bem*. É imperativo seduzir com a beleza, o corpo perfeito, a eterna juventude, trejeitos, roupas, idéias, conquistar com arrojo, competir, acumular experiências, arriscar, descartar, “e até imitar o comportamento masculino. O que era *reprimido* passou a ser *exaltado*, e *erótico* passou a ser *critério de modernidade*. (13)

A mulher esquece que *liberdade é a possibilidade de optar, dizer sim ou não fazer ou não fazer*. Na busca de um novo papel sexual a mulher perdeu-se numa sucessão de *re-re-re: re-fletir, re-definir, re-ver, re-pensar, re-formular...*

Manipulada pela mídia, uma nova forma de exploração, a mulher avança em saltos nos quais, muitas vezes, não avalia e não se avalia. Exige direitos sexuais iguais ao homem e principalmente, *exige o desempenho sexual do homem, tornando-o o objeto responsável pelo seu prazer*. Mantém-se, muitas vezes, como *expectadora* no seu intercurso amoroso, avaliando-se e avaliando a performance do companheiro, medindo o prazer que *ele* deve lhe oferecer, como se *sentir* fosse algo vindo de fora. Sexo não é competição nem maratona. *Sexo é afetividade, entrega mútua, envolvimento lúdico*. Não é obrigação, não é dever. Sexualidade é sensibilidade, comunicação espontânea e natural num plano muito mais profundo.

A palavra *sexo*, origina-se do verbo latino *secare*, que significa aquilo que corta, que divide. De sua raiz derivou-se *secção*, *sectário*, e também *sectus*, *sexus* e finalmente *sexo*. Designa a divisão biológica de macho e fêmea. Podemos interpretar no vocábulo *sexo* três dimensões distintas porém complementares: o que *divide* na diferença anatômica, o que *une* na relação sexual e o que *re-une* na procriação.

Sexualidade humana é pois, muito mais ampla do que o conceito de sexo. Inclui a idéia de um tripé com três dimensões, permeando o biológico, o psicológico e o sócio-cultural. A complementação bipolar possui na sua essência as características desse tripé. AS fronteiras são fluidas e são costuradas pela criatividade de cada casal. *O laço afetivo é indispensável.*

BhagYvan Shree Rajneesh, um mestre espiritual indiano comenta sobre a sexualidade:

*El sexo es para ser usado como una pesadera...
una pasadera a um movimiento dentro del amor y del amor
dentro de la oración.*

*Sexo no es tu creación: es **un regalo de Diós.***

CONCLUSÃO

O saber sexológico deve estar envolvido com essa realidade, e com a responsabilidade de dar conta de cada situação individual. A *sexualidade* de cada pessoa é tão individualizada como a impressão digital. Revela um *microcosmo* inserido num *universo* muito mais amplo. Uma proposta de reflexão sobre esses novos anseios da mulher, é um dos caminhos para oportunizar uma visão crítica sobre o *erotismo* que impregna o imaginário sócio-sexual da nossa época. Já que a sexualidade está impregnada na nossa civilização, quem sabe podemos inverter, inserindo civilização na sexualidade.

A mulher atual, em sua grande maioria, encontra-se *confusa* na busca da *re-definição* do seu papel sócio-sexual. *Perdida* entre as duas dimensões da feminilidade parece estar com *um pé calçado em posição repressivas e outro pé em posições liberalizantes*. OS conflitos que brotam dessa ambivalência aportam na clínica ou na busca intensiva de cursos sobre sexualidade.

É preciso também, deixar bem clara a diferença entre *exercício do sexo* e *estudo sobre sexo*.

Em contraponto, esta *nova mulher* está assustando o homem na sua tradicional segurança de macho.

Propomos um balanço crítico sobre a questão posta inicialmente:

O que deseja uma mulher?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAUI, M. *Repressão sexual: essa nossa (des-conhecida)*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
2. COHN, F. *Understanding Human Sexuality*. New Jersey. Prentice-Hall, Inc., 1974.
3. FREUD, S. *Organização Genital Infantil. Associação de idéias de uma criança de quatro anos*. (1920) Obras Completas, Vol. IX, Rio de Janeiro, Delta, s.d., pp. 171-172
4. _____. *A Educação Sexual da Criança*. (1907), pp. 109-110.
5. _____. *Carta aberta ao Dr. M. Füst*. (1907), pp. 109-110.
6. KUSNEZOFF, J. C. *A mulher sexualmente feliz*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 223.
7. *Ibidem*, referência 6.
8. MONEY J. & TUCKER P. *OS papéis sexuais*. São Paulo. Brasiliense, 1981.
9. POMMIER, G. *A exceção, feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
10. REICH, W. *Casamento indissolúvel ou relações sexuais duradouras?* 2ª ed. Porto, Textos Exemplares 4, 1975.
11. SILVA, M. C. A. *Desenvolvimento da identidade sócio-sexual humana*. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Dissertação de Mestrado. 1983, pp. 75-85.
12. *Ibidem*, referência 11.
13. SILVA, A. C. *Terapia do sexo e dinâmica do casal*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo Ed., 1989, pp. 18-22.
14. TANNAHILL, R. *Sex in History*. New York, A. Scarborough Book, Strein, and Day Publisher, 1982.
15. USSEL, J. V. *Repressão sexual*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1980.